

A DESCOLONIZAÇÃO DA ARTE PELO VIÉS DA APROPRIAÇÃOBruno Marcitelli¹**RESUMO:**

Partindo da premissa de que o conceito de beleza enraizado na herança greco-romana é algo nocivo à sociedade brasileira, apresento, por meio de meu próprio fazer artístico, tentativas estéticas de descolonização do campo da pintura e de inserção de minorias sociais no campo das artes visuais.

Palavras-chave: Pintura – Representatividade – Descolonização – Apropriação.



FIGURA 1 - Bruno Marcitelli -Pietà – fotografia, 2017. Modelos: Jemerson Carlos Bob e KaritaDarc - acervo do artista.

Reside na arte clássica europeia algo profundamente enraizado no modo como olhamos para o mundo, algo que é determinante nas escolhas do que

¹ Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: bbbuuuzzz.marcitelli@gmail.com.

consideramos “de bom gosto” ou “de mau gosto”, algo que também está atrelado ao racismo estrutural e a branquitude sistêmica, sobretudo no campo das Artes Visuais. Meu trabalho investiga maneiras de subverter esse poder estético das artes ditas “clássicas” pelo viés da apropriação. Recriando-as em imagens que discutem temas caros à contemporaneidade como machismo, racismo e homofobia, corpos gays, negros, trans e periféricos clamam para si o protagonismo das narrativas e apresentam ao público outras possibilidades de beleza para além da tradição estética greco-romano tão perseguida pela nossa sociedade até os dias de hoje.

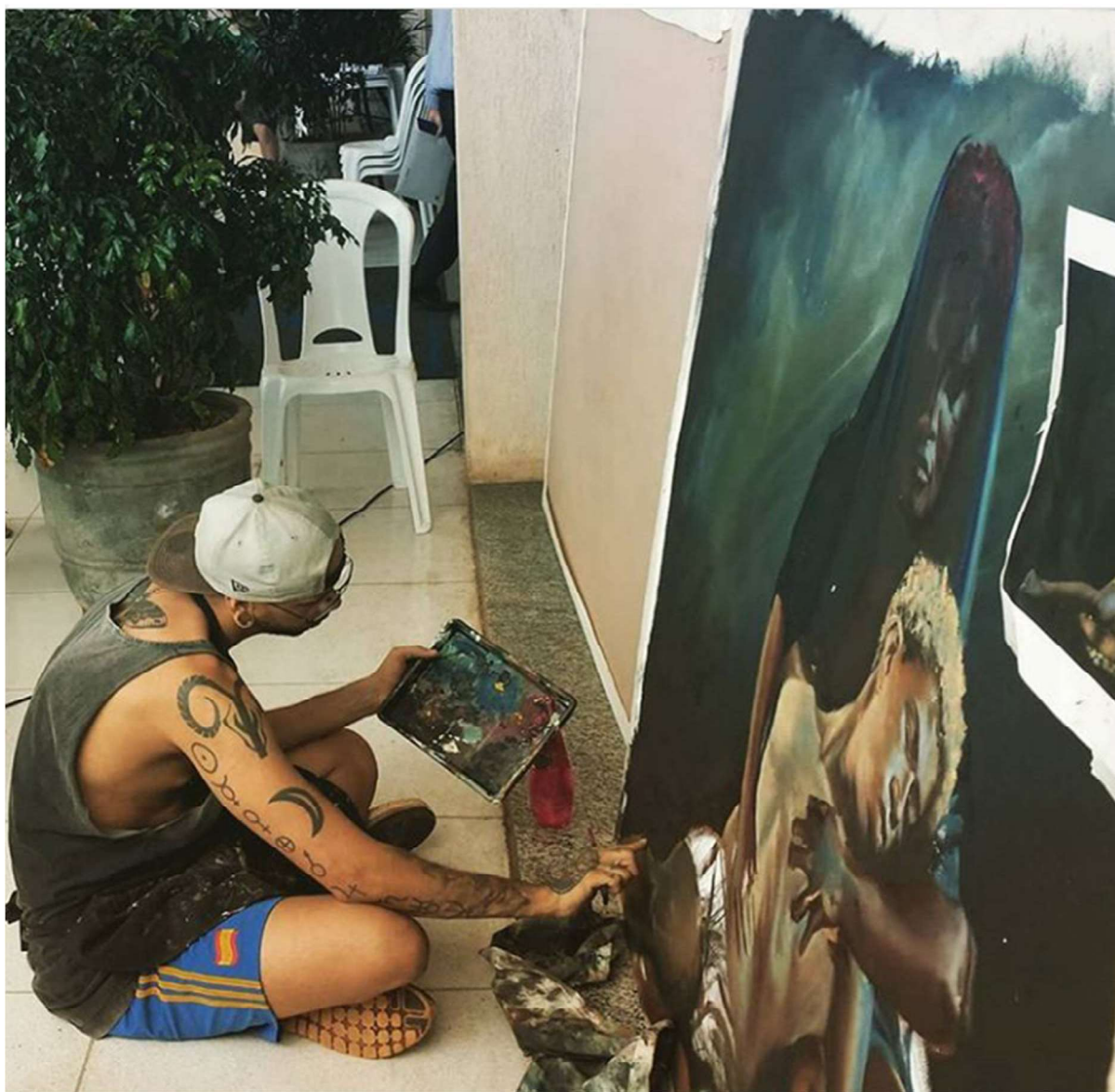


FIGURA 2 - Processo de pintura de Pietà, 2017 - acervo do artista.

Usando fotografias produzidas para este fim, construo releituras de obras de arte que fazem parte do imaginário coletivo da sociedade ocidental, como Pietà, que figura o laço umbilical do cristianismo. Representa o momento em que Virgem Maria segura no colo o filho morto após a crucificação; é uma imagem emocionada que inspira piedade e devoção há séculos e tornou-se tema recorrente nas obras de diversos artistas (principalmente depois de Michelangelo produzir sua icônica versão em mármore em 1449 para a antiga basílica de São Pedro). A escolha dessa pintura como tema parte de uma citação e de uma crítica ao campo da História da Arte, que nega a representação de personagens não-brancos ou os embranquece a favor da manutenção de seu próprio padrão de beleza, como a exemplo das representações de Jesus Cristo, quase sempre branco e de olhos azuis. O foco dessa releitura é o deslocamento dos signos religiosos que provocam comoção e devoção para uma questão negligenciada em diversas esferas da sociedade brasileira: o genocídio da população negra e periférica. Tornar cristo um moleque marrom de cabelo descolorido, como tantos outros espalhados pelos quinhões do Brasil, é um exercício de desmitificação da figura messiânica do Salvador, e, por contrapartida, pressupõe a santificação daqueles que têm sua humanidade diariamente desrespeitada pela polícia e pelo Estado, visto que a única chaga que este Cristo carrega é um buraco de bala no centro do peito. O olhar da mãe não esboça sofrimento ou indignação, apenas encara o espectador com toda a resiliência de uma mulher preta nascida no Brasil.

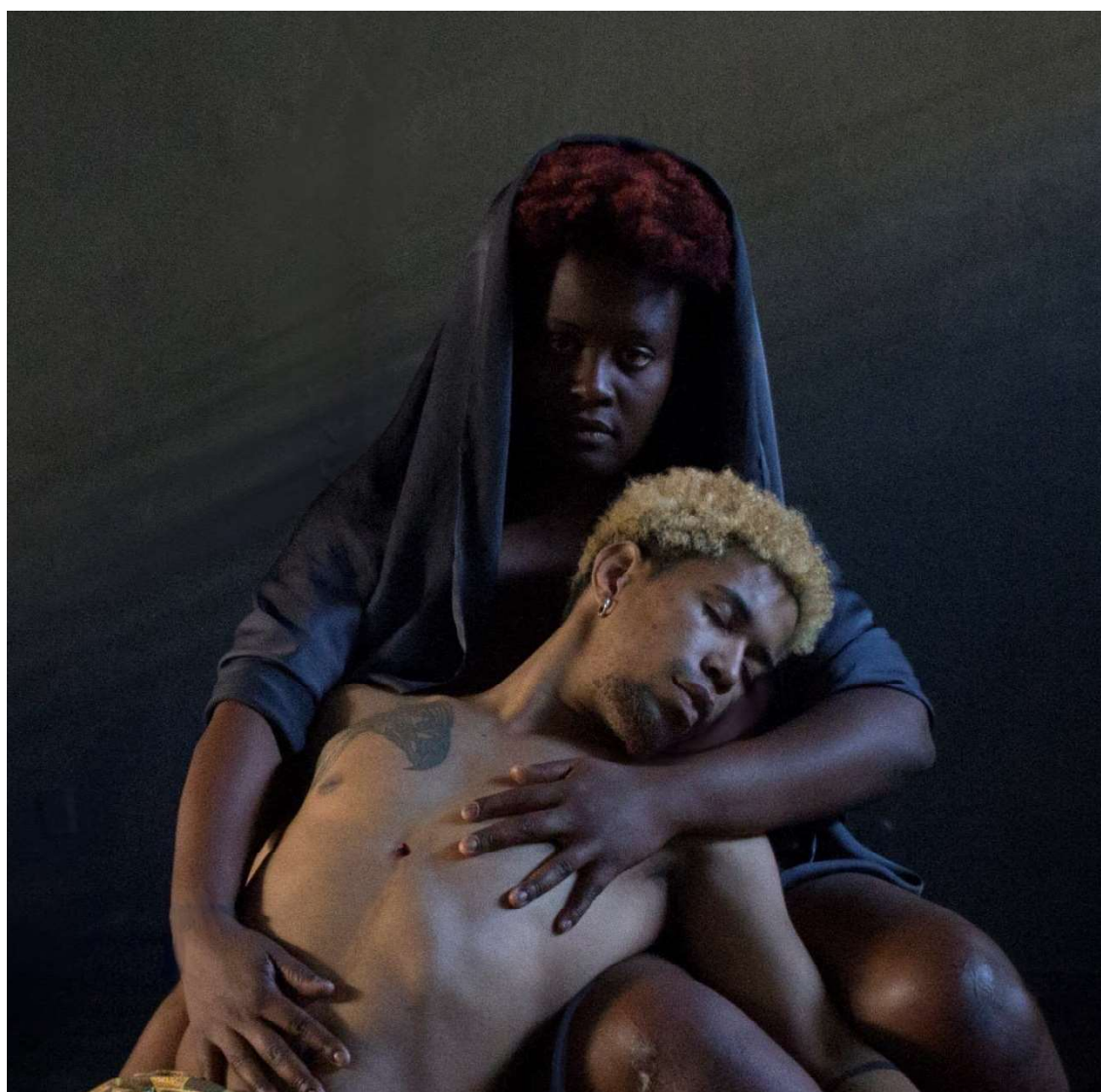


FIGURA 3 - Bruno Marcitelli - Pietà - fotografia (recorte), 2017 - acervo do artista.

Ao se realizar enquanto pintura através da tinta óleo sobre tecido, o trabalho, ainda que jogue com a precariedade de materiais, suporte e apresentação, torna-se objeto de desejo e apreciação por meio da magia que transcende a fotografia de referência.



FIGURA 4 - Bruno Marcitelli - Pietà - óleo sobre tela, 180x130cm, 2017 - acervo do artista.

É esse poder de sedução que a pintura possui que atravessa os séculos e chega a nós na contemporaneidade de maneira desafiadora, pois por mais que a maioria dos brasileiros nunca tenha visto de perto uma pintura a óleo, é desta noção de beleza que as produções de massa ainda se apoiam para criação de seus produtos culturais. Portanto, não é exagero afirmar que, ainda que indiretamente, a indústria cultural e suas produções promovem na sociedade brasileira uma noção estética completamente distinta da beleza da maioria da população. Acredito que ao remexer na História da Arte criamos a possibilidade de abalar essa estrutura, principalmente quando replicamos as receitas de representação d'o Belo em corpos não-brancos, estamos de alguma forma, subvertendo toda noção de beleza enraizada numa branquitude acostumada a estar no centro das discussões e narrativas.

Outro tema que promove embates sociais acalorados são as questões de gênero e sexualidade. Em contraponto ao machismo e ao conservadorismo que esbraveja nesse início de século, a revolução transexual aponta para um futuro onde cada ser humano poderá ser livre para construir seu corpo, sua individualidade e

tornar-se mestre de sua própria existência. A fim de ilustrar essa utopia recorro a um tema mitológico, em ode a vanguarda social que é o movimento trans, e realizo uma pintura digital inspirada no óleo sobre tela “Diana e suas ninfas surpreendidas por Faunos” de Peter Paul Rubens.



FIGURA5 - Peter Paul Rubens - Diana e suas ninfas surpreendidas por faunos - óleo sobre tela, 128x314 cm 1640 - Museo del Prado, Espanha.

Nesta obra, faunos e ninfas emergem como arquétipos de masculinidade e feminilidade que disputam um jogo de atração e repulsão até hoje muito pautado pela dualidade homem-mulher; no entanto, em algumas culturas ancestrais pessoas transgênero eram cultuadas como presenças superiores, pois segundo essas culturas, indivíduos andróginos e/ou transexuais possuíam dentro de si dois espíritos, um masculino e outro feminino. Na distopia conservadora que vivemos hoje no Brasil a percepção sobre estas pessoas tende a ser bem diferente, exigindo que estas figuras reafirmem diariamente seu direito de estar no mundo. Entendendo o espaço de arte como um espaço de empoderamento, convido garotas em transição de gênero a reinterpretar a Deusa e suas ninfas da cena de Rubens, a fim de resgatar valores ancestrais onde essas figuras, hoje socialmente discriminadas, possam existir em todo seu esplendor.



FIGURA6 – Bruno Marcitelli - Ensaio para Diana e suas ninfas surpreendidas por faunos, 2018 – fotografia por Larissa Dardania. - acervo do artista.

Em processo de fotoperformance a ação sugerida foi uma triangulação de figuras. O dançarino Jemerson Carlos Bob interpreta os faunos, que na cena formam uma emboscada cercando as outras figuras por todos os lados (a imagem do modelo é replicada quatro vezes). Aqui, o arquétipo masculino é levado ao grotesco em alegoria à masculinidade tóxica que alimenta o machismo. Ao mesmo tempo, as figuras femininas denunciam e repelem a ação dos faunos, enquanto uma Deusa de traços indígenas encara o espectador de frente e prepara seu contra-ataque.



FIGURA7 - Bruno Marcitelli - Fauno grotesco em 3 passos - pintura digital sobre fotomontagem, 2018 - acervo do artista.

Habitando um cenário mágico inspirado na chapada dos veadeiros, cerrado brasileiro, encerro esses personagens mitológicos numa utopia onde suas sexualidades não são temidas, mas sim cultuadas, um lugar onde - da esquerda para direita - Amanda Costa, Lila Monteiro, Urias Martins e Marina Selva são elevadas ao nível de musas, representando as mulheres trans e venerando a existência do feminino em toda sua diversidade.



FIGURA8 - Bruno Marcitelli - Diana e suas ninfas surpreendidas por faunos, 2018 - pintura digital sobre fotomontagem - acervo do artista.

Ainda que por ventura o espectador não tenha acesso ao apelo social da representatividade destas figuras, a obra inda se realiza ao subjetivar essas presenças para dentro do campo da Arte e apresentá-las de maneira digna e atraente. Guiado pelo desejo de reparação histórica trabalho pela inclusão das minorias sociais dentro do espaço da Arte, que é, sobretudo, um espaço de poder. Ao mesmo tempo em que me apoio na herança greco-romana, busco também a sua superação, sua transcendência, pois é preciso descolonizar nossos corpos, nossa mente e nossa arte, evidenciar a presença dos negros, da população LGBTQ+ e dos povos originários, antes que a onda fascista os varra de uma vez por todas de nossa sangrenta História.



FIGURA9 - Bruno Marcitelli - Ogum (auto retrato) - pintura digital sobre fotomontagem - acervo do artista.